



## **Radiodocumentário: gênero em extinção ou locus privilegiado de aprendizado?**<sup>1</sup>

Sônia Caldas Pessoa<sup>2</sup>

Centro Universitário Newton Paiva

### **Resumo**

O presente artigo tem o objetivo de apresentar a experiência da produção de radiodocumentário em uma disciplina de rádio no curso de Jornalismo, ministrada em uma instituição privada de ensino superior. Para tal, discutimos o conceito de radiodocumentário, dialogando com alguns autores, e implantamos, em conjunto com os alunos, o projeto *Radiodocumentário: locus de aprendizado*. O nosso objetivo é contribuir para a reflexão sobre a importância do radiodocumentário no aprendizado do estudante de Jornalismo e despertar a atenção para a ausência desse gênero na produção radiojornalística brasileira.

### **Palavras-chave**

Radiodocumentário; produção radiofônica; gênero radiofônico.

### **Panorama sobre radiodocumentário**

O radiodocumentário encontra espaço em diversas regiões do mundo, mas ainda não se tornou usual no Brasil. É considerado um gênero em extinção no país (Baumworcel, 2001). Em alguns países da África e da Ásia, especialmente naqueles onde as condições de vida são precárias (Kaplún, 1978), a situação é bastante diferente e sua utilização constante. O mesmo se dá na Europa, onde emissoras como as da Rede BBC de Londres investem nesse gênero jornalístico, e nos Estados Unidos.

A programação jornalística brasileira mantém, via de regra, formatos tradicionais que se tornaram referência para a grande maioria das emissoras, tanto AM quanto FM.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, no IX Encontro dos Núcleos/Grupos de Pesquisa GP do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Jornalista pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Professora de Jornalismo do Centro Universitário Newton Paiva e professora do curso de pós-graduação em Mídia Eletrônica do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH) e do curso de pós-graduação em Comunicação Corporativa do Centro Universitário Newton Paiva.



Predominam na programação jornalística o radiojornal, o boletim informativo com poucos minutos de duração, os programas de debate e as mesas redondas. Todos têm baixo custo de produção: dependem da pauta diária factual, garantida por um ou dois repórteres em cada turno de trabalho, o mesmo número de pauteiros e editores que produzem material via telefone e internet.

A tendência natural das emissoras é investir na cobertura factual, dando ênfase a temas inesperados, nos quais uma cobertura completa e com grande aparato técnico faz a diferença para o ouvinte (Moreira, 1991). Nem mesmo as emissoras *all news*, aquelas que concentram a quase totalidade da programação em jornalismo, despertaram a atenção para o documentário como programa informativo interessante para abordar detalhadamente temas que atraíam a atenção do público. São muitos os exemplos de ocasiões nas quais o documentário poderia ser bem sucedido: a morte de ídolos como Michael Jackson, as conturbações políticas em países como o Iran e os protestos da sociedade, além de datas comemorativas de mudanças políticas significativas para determinado país. A televisão, especialmente os canais por assinatura, explora bastante esse tipo de temática.

O radiodocumentário exige uma produção mais acurada, com pesquisa aprofundada, levantamento de dados, apuração com fontes diversas. Mcleish (2001) chega a apontar a necessidade, em algumas situações, do produtor de um radiodocumentário conversar com pelo menos 20 fontes. Tudo isso vai resultar em um roteiro detalhado, com pautas bem elaboradas e marcação de inúmeras entrevistas, havendo a necessidade de que elas sejam, preferencialmente, presenciais, para melhor aproveitamento do material a ser coletado.

A lacuna do documentário na grade de programação das emissoras pode ser um dos motivos para a pouca produção bibliográfica sobre o assunto no Brasil. Alguns autores se ocuparam da definição de documentário, mas a maioria dedica poucas linhas à abordagem dos gêneros radiofônicos. Nas universidades, professores estimulam, quando é possível, a produção de documentários como trabalho de conclusão de curso ou para avaliação em disciplinas de rádio. Algumas experiências foram registradas por pesquisadores da Intercom (Golim, 2007; Picoli, Hoffmann & Raddatz, 2006; Schwarzman, 2006 e Baumworcel, 2001) – só para citar alguns. Autores estrangeiros,



como Mcleish (2001), Chantler e Harris (1998) e Kaplun (1978), entre outros, discutem o documentário radiofônico.

Prado (1989, p.28) critica aqueles que concebem o rádio apenas como o meio a dar a primeira notícia. Ele defende o papel informativo do rádio aliado à explicação e análise: “Pode se contar, além disso, neste sentido reflexivo, com a capacidade de restituição da realidade, através das representações fragmentadas da mesa, veiculadas com seu contorno acústico”. O autor, no entanto, não inclui o documentário entre os gêneros radiofônicos estudados por ele.

Ortriwano define sete categorias para as transmissões informativas: *flash*, edição extraordinária, especial, boletim, jornal, informativo especial e programa de variedades. Mas o documentário não está entre elas. A que mais se aproxima do gênero é o programa especial:

Especial: programa que analisa um determinado assunto, seja por sua grande importância e atualidade, seja por seu interesse histórico. Pressupõe pesquisa aprofundada sobre o tema, tanto no que diz respeito às informações textuais quanto às sonoras, principalmente as entrevistas. A rigor, sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica (ORTRIWANO, 1985, p. 92).

O conceito de radiodocumentário extrapola a simples definição de programa especial. Ainda que os dois apresentem algumas características semelhantes, a distinção entre ambos se faz fundamental. Não tenho a intenção de trabalhar com uma definição estanque, proposta que contrariaria a discussão contemporânea sobre gêneros de fala. Adoto a idéia de que gênero é um construto continuamente sujeito a modificações, de acordo com a situação comunicacional (Bakhtin, 1992) e o contexto.

O alerta de Mcleish (2001) para que a diferenciação entre programa especial e radiodocumentário seja estabelecida tem razão de ser, uma vez que muitos tomam um pelo outro. O autor opta por uma definição tradicional de radiodocumentário, qual seja, um programa que trabalhe como pressuposto o fato e não permita a inclusão de elementos que não façam parte do campo da “realidade”. O programa especial, por seu turno, admitiria elementos que ultrapassem as fronteiras do real, algo que estaria na esfera da ficção.



As distinções básicas estariam diretamente relacionadas ao material escolhido e às fontes que fazem parte do documentário. A evidência documentada formaria a base do programa, o que exigiria do produtor uma ampla pesquisa que permitisse o uso de registros escritos e documentos, bem como de entrevistas atuais e outros áudios históricos e de arquivo (McLeish, 2001).

No programa especial, por seu turno, a necessidade de estar próximo da verdade, típica do documentário, cederia lugar a outros elementos. O produtor poderia se inspirar em técnicas teatrais para recompor uma situação sobre a qual não se encontrou registros em áudio. Nesse sentido, seria “autorizada” a utilização de canções folclóricas, poesias, encenações radiofônicas ou outros tipos de ilustração ficcional sobre o tema.

Não se pode perder de vista que fato e ficção constituem uma mistura perigosa, bem aceita em programas televisivos, mas que podem provocar uma certa confusão no rádio. O ouvinte pode se perder na linha tênue que separa um do outro quando o não esclarecimento é subjetivo.

O radiodocumentário é definido de maneira breve por Ferraretto:

Pouco freqüente no Brasil, o documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio (2001, p.57).

Chantler e Harris (1998) acreditam que o documentário é uma grande reportagem, com todos os princípios básicos que norteiam esse tipo de produção. A reunião de várias sonoras, com opiniões divergentes, fontes diversas, abertura ou *cabeça*<sup>3</sup>, para dar ao ouvinte a noção exata do que vai ser noticiado a seguir, e matérias longas estariam entre os fatores responsáveis pelo sucesso do documentário. Além disso, os autores ressaltam que o uso de efeitos sonoros e musicais, junto com as sonoras, constitui atrativo para o público.

---

<sup>3</sup> Cabeça é a introdução do assunto a ser abordado pela reportagem que vem a seguir. Geralmente é lida pelo locutor, apresentador ou âncora.



Todo documentário deve ter uma história para contar e deve desenvolver uma forma própria. Chantler e Harris (1998, p.166) apontam alguns desafios do produtor do programa. Entre eles, a procura por mostrar um desfecho para a história, a edição de imagens sonoras individualizadas e a valorização do documentário por meio das “palavras das outras pessoas que causam mais impacto do que as suas, e que há sons muito mais importantes do que palavras. Essa é a essência do documentário. Use todos esses recursos e seu documentário será memorável”.

O documentário, nas palavras de Barbosa Filho (2003), é dotado de caráter analítico, com aprofundamento do tema, o que pressupõe edição do áudio coletado, com matérias gravadas, cabeças e matérias temporais:

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística (BARBOSA FILHO, 2003, P.102).

Kaplún (1978, p.142), no clássico *Producción de programas de radio: el guion – la realización*, utiliza a comparação entre o radiodocumentário e a reportagem cinematográfica para explicar que a função informativa é que norteia esse tipo de produção: “é uma monografia radiofônica sobre um tema dado. Uma breve exposição, sem uma completa apresentação”.

A importância do reforço da sonorização é lembrada pelo autor como recurso que permite ao ouvinte uma melhor compreensão da informação e do ambiente, possibilitando a identificação de sons que compõem determinada situação abordada na reportagem. É extrapolar o uso das entrevistas para provocar a imaginação do público sem, entretanto, abalar a credibilidade do programa: “Ouvimos o galope e vemos o cavalo, o ruído do trânsito nos põe em meio a uma artéria cheia de movimento, a sirene de um carro dos bombeiros e o crepitar do fogo nos leva a visualizar o incêndio” (KAPLÚN, 1978, p, 175).

Esses sons, quando captados *in loco*, colaboram para garantir a criação de um clima, no qual o ouvinte pode reconhecer um ambiente autêntico, ao identificar ruídos e sons.



Esse conjunto sonoro propicia maior autoridade e credibilidade ao programa, no entendimento de Mcleish (2001).

Na busca da criação e reprodução de imagens para o ouvinte, não se pode desconsiderar a diferença sutil entre aquelas produzidas pelos efeitos do áudio no rádio e outras que são literais e podem ser acessadas ao ligar a televisão, por exemplo. Meditsch (1999) ressalta que:

A diferença é que essas imagens interiores, produzidas na mente, não podem ser confundidas com as imagens que se vêem na tela. São imagens muito mais ricas - podem comportar três dimensões, e também incluir sensações táteis, olfativas, auditivas- e também muito mais econômicas: muitas vezes são dispensadas sem prejuízo da comunicação (MEDITSCH, 1999, p.126).

### **Na sala de aula**

Os alunos demonstram curiosidade, mas se perguntam: Por que um radiodocumentário? Nenhuma emissora veicula esse tipo de programa? Os desafios começaram com a necessidade de convencer os alunos da idéia de que um programa do gênero permite a realização de uma grande reportagem, de cunho investigativo, que extrapola o mero recortar-colar de informações disponíveis na internet ou publicadas por jornais ou outros veículos ou a apuração rápida, feita na maioria das vezes via telefone.

Passado o questionamento inicial, o desafio seguinte foi montar o cronograma em curto espaço de tempo para o final do semestre: Estamos a pouco mais de um mês para o final das aulas e o radiodocumentário demanda tempo e disponibilidade para ir às ruas, gravar entrevistas, enfim, cuidar da produção, o que, para alunos do turno noturno, pode ser um dificultador, já que a maioria trabalha em horário integral. Mesmo assim, como estava no cronograma e eles já tinham conhecimento, começaria ali o Radiodocumentário: lócus de aprendizado.

Dividimos a experiência no quarto período de Jornalismo no Centro Universitário Newton Paiva, instituição privada de ensino superior em Belo Horizonte, em 13 etapas, no primeiro semestre de 2009: 1) leitura de textos sobre radiodocumentário; 2) audição de radiodocumentários; 3) discussão em sala e definição de cronograma; 4) pesquisa para escolha do tema; 5) definição das fontes a serem consultadas e a serem entrevistadas; 6) Elaboração de roteiro e de pautas; 7) Entrevistas *in loco*; 8) Captação



de áudios históricos ou relacionados ao tema disponíveis em arquivos pessoais, de instituições e na internet; 9) Seleção e decupagem do material produzido pelo próprio grupo; 10) Redação do roteiro final; 11) Edição; 12) Postar o radiodocumentário, como “estrela” do *blog* desenvolvido por cada grupo ao longo do semestre para postar os outros programas e as visitas técnicas realizadas. A décima terceira etapa foi realizada via *e-mail*, quando decidi fazer uma sondagem com os estudantes sobre os resultados do radiodocumentário para cada um deles, com vistas a escrever esse artigo.

Optamos pela proposta de radiodocumentário como uma grande reportagem sobre tema de relevância atual ou histórica. É uma reportagem especial no sentido da investigação, da procura de dados e de documentos que componham um cenário o mais próximo possível das versões apuradas pelos próprios produtores. É uma coletânea de entrevistas e depoimentos, que podem receber a ilustração de músicas, trilhas e áudios captados em ambientes verídicos ou em arquivos. Nossa escolha foi trabalhar o fato e versões apresentadas pelas fontes documentais e pelos entrevistados. A voz do entrevistado foi um dos pontos centrais do programa. A ambientação se deu por meio de áudio real, já divulgado pela mídia ou inédito, excluindo dramatização ou reconstituição de cenários com encenação.

Embora no videodocumentário a tendência contemporânea aponte para a utilização de recursos ficcionais como um movimento de quebrar paradigmas em relação a um modelo tradicional de produção nossa opção para o radiodocumentário, gênero para o qual não encontramos parâmetros para produção, é a de privilegiar a fidelidade aos fatos.

Uma preocupação dos próprios estudantes diz respeito à organização do áudio, para que o ouvinte não se perca. Eles demonstraram cuidado especial para que o material não se apresentasse de maneira caótica, sem sequência lógica ou com pouca identificação das fontes. A comparação entre a produção em áudio e a produção em vídeo pelos alunos é inevitável. Todos eles, sem exceção, já haviam assistido a um videodocumentário, mas nunca ouviram falar em documentário radiofônico. Enquanto é possível a identificação de fontes no vídeo com créditos ou até mesmo pelo conhecimento prévio dos personagens ali envolvidos pelo público, no rádio, se o entrevistado não for identificado antes da sonora, pode haver confusão para o ouvinte. Um astro do pop, um jogador de



futebol ou um político podem ser facilmente reconhecidos no vídeo, ao passo que no rádio talvez a voz não seja tão óbvia para o ouvinte que não tenha o hábito de escutar com frequência aquela fonte em determinado noticiário. A escolha do narrador como condutor da história colaborou para que o áudio seguisse a organização definida por eles.

Outro consenso estabelecido com a turma é que a apuração direta com as fontes e a produção própria de entrevistas são condição *sine qua non* neste trabalho. A edição digital permite a captura e a montagem de material vasto a partir da internet, mas deixa em segundo plano a reportagem na rua, a descoberta do repórter, o envolvimento e o conhecimento sobre o fato. A possibilidade de resgate de material sonoro na internet e em bancos de dados a partir de entrevistas está autorizada, desde que seja mesclada com as entrevistas “cavadas” pela equipe.

Os estudantes apreenderam rapidamente a proposta do documentário e se envolveram no projeto com o desejo de produzir o “melhor programa do semestre”, algo que coroasse a disciplina Produção e Ancoragem em Rádio, a segunda e última disciplina de Rádio do curso na instituição.

Cada um dos cinco grupos, formados em média por cinco alunos, escolheu um tema para o documentário. O personagem Chaves, do programa televisivo de mesmo nome, ganhou vida no rádio com a produção feita pela equipe do *blog* [altafrequenciahits.blogspot.com](http://altafrequenciahits.blogspot.com). A escolha foi pessoal uma vez que a maioria dos estudantes passou a infância acompanhando as aventuras do garoto. O [universidadeativa.blogspot.com](http://universidadeativa.blogspot.com) também preferiu um documentário de cunho histórico-biográfico, ao reunir entrevistas e áudios que marcaram a vida do piloto de fórmula um Ayrton Senna. O bar do samba foi a temática escolhida pelo [focanaminha.blogspot.com](http://focanaminha.blogspot.com) que percorreu espaços dedicados ao samba de raiz na capital mineira. O grupo [avozuniversitaria.blogspot.com](http://avozuniversitaria.blogspot.com) optou por mostrar a Feira Híppie de Belo Horizonte, que completou 40 anos em 2009, a vanguarda e a tradição, a cultura e os personagens. A [impactowebradio.blogspot.com](http://impactowebradio.blogspot.com) revelou entrevistas inéditas sobre a vida e a obra da cantora mineira Clara Nunes, morta em 1983.





O retorno da turma sobre os desafios e a aprendizagem a partir do documentário estão concentrados em duas vertentes: a liberdade de escolha e o aprendizado propriamente dito.

A liberdade de escolha foi um dos desafios vivenciados pelos alunos como dificuldade, afinal, eles deveriam definir vários elementos de produção e de planejamento para o programa. A definição do tema, do estilo do documentário, de ter ou não narrador, da gravação de entrevistas, da pesquisa de áudio, do tempo de duração do programa, enfim... a liberdade para produzir se configurou como algo paradoxalmente instigante e difícil. Já o resultado tanto do produto final quanto da avaliação que os estudantes fizeram sobre o processo de elaboração do documentário revela como consideraram a experiência enriquecedora para o Jornalismo. Reproduzimos a seguir alguns comentários dos estudantes.

O aluno Paolo Xavier acredita que o documentário apresentou a ele elementos inovadores na produção jornalística ao mesmo tempo em que o despertou para outros formatos de produção:

A maior diferença em relação aos outros tipos de programas usuais no rádio é com relação à forma como esse tipo de produção é feita. A preocupação com a trilha sonora, com a sonoplastia e, é claro, com a escolha do tema fazem do radiodocumentário uma produção nobre dentro do radiojornalismo.

A construção de uma história e o poder da edição, além da necessidade do trabalho em equipe foram destacados pelo estudante Renato Vieira:

Ficamos responsáveis pela escolha do tema e conseguimos costurar o programa como se fosse uma história, a partir da edição. Tivemos mais tempo para produzir e também para tapar os eventuais "buracos" que apareciam. O radiodocumentário é algo que fica meio escondido e foi bom saber como um deve ser feito. Foi bom para saber como trabalhar em equipe no rádio e o que se deve ou não fazer durante a captação de áudio

Ter a oportunidade de se dedicar mais a um tema e fazer uma pesquisa mais aprofundada foram os fatores que estimularam a estudante Jessica Andrade, além de “aprender” a contar uma história real:



A produção do radiodocumentário me deu oportunidade de aprender mais sobre as técnicas de rádio, aguçando assim a criatividade, as maneiras de entrevistas, enfim a produção completa. A produção do radiodocumentário é uma produção mais livre, onde não temos que seguir um padrão, como determinado número de notas ou mesmo matérias, nos possibilitando maior empenho e dedicação. O radiodocumentário foi a produção mais importante do semestre pela versatilidade de produção. Ficou a experiência de aprender a amarrar os elementos para surgir uma história com começo, meio e fim, além do uso de artifícios para torná-la interessante.

Felipe Pedrosa resumiu a experiência, comparando o documentário radiofônico a uma produção cinematográfica:

Foi interessante produzir um rádio documentário, por se diferenciar na forma estrutural de uma programa convencional rádio-fônico. Tivemos que elaborar um roteiro, preocupar com efeitos sonoros, procurar as fontes que encaixariam na idéia do trabalho. Particularmente, foi bom produzir o trabalho por se aproximar muito do enredo de um documentário cinematográfico, e no caso do trabalho que eu ajudei a desenvolver foi gratificante por ter caminhado pela história de um dos pontos culturais de Belo Horizonte. A experiência na produção foi enriquecedora para a minha formação como profissional, assim como para aprimorar minha locução, minha percepção, meu *felling*, etc.....

A possibilidade de gestão do projeto elevou a auto-estima de alguns alunos, que se sentiram capazes de escolher e de bancar as próprias escolhas, como relata o estudante Paolo Xavier:

A produção do radiodocumentário agregou conhecimentos na disciplina. É muito importante que o aluno da disciplina de Rádio tenha contato com todos os tipos de produções radiofônicas e que ele esteja envolvido nisso. O que ficou de experiência foi um aumento de confiança em nós mesmos. O nosso tema, a musicalidade nos bares da capital, tinha como roteiro definido a visita a quatro bares distintos. Logo no primeiro bar, encontramos histórias suficientes para produzir o documentário. Parte o grupo teve a idéia de fazer o documentário somente com esse bar. Concordei, mas fiquei com algum receio. Afinal, o projeto inicial foi abandonado e partiríamos para algo totalmente novo. Não sabia se isso poderia funcionar e se seríamos capazes de produzir um trabalho de qualidade. No final, acabou dando tudo certo e produzimos um bom trabalho. Em resumo, no jornalismo podemos sair da redação com um propósito e nos depararmos com uma situação que mude todo o projeto. Isso, para mim, é muito importante trabalhar, pois não gosto que as coisas saiam fora do que planejei.

## **Considerações finais**



O projeto Radiodocumentário: lócus de aprendizado tem como objetivo provocar nos alunos a curiosidade por um gênero jornalístico em extinção no Brasil, mas utilizado em outros países, especialmente para abordar temas em profundidade. A idéia é extrapolar a relação leitura de textos – discussão em sala – produção de programa radiofônico e atingir um processo no qual o estudante é sujeito atuante em todas as etapas; ele é determinante no processo de aprendizado.

O estudante tem autonomia para fazer escolhas e gerir o projeto, sempre tendo em mente que deve trabalhar com material verídico e que o produto será publicado na Internet, o que amplia a responsabilidade do grupo.

A leitura e as discussões em sala garantiram a base teórica assim como a audição dos programas apresentou uma idéia inicial à turma. Mesmo tendo lido fragmentos de textos de autores como Kaplun e Chantler & Harris, entre outros, os estudantes apresentaram em seus depoimentos a consciência sobre a importância da pesquisa, da apuração acurada, a construção da história a partir das entrevistas, a voz do outro, a reportagem similar a uma narrativa cinematográfica e, principalmente, o lugar da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- BAUMWORCEL, Ana. CD: Um suporte privilegiado para o documentário sonoro. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**
- CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. *Radiojornalismo*. São Paulo: Summus, 1998.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- GOLIN, Cida. A expressão radiofônica de uma cartografia sonora: estudo da série Porto Alegre, paisagens sonoras. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 2007, Santos.
- KAPLÚN, Mario. *Producción de programas de radio. El guión, la realización*. Quito: CIESPAL, 1978.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.



MEDITSCH, Eduardo, **A Nova Era do Rádio**, In: Del Bianco, Nélia e Moreira, Sonia

MOREIRA, Sônia Virginia, *Rádio no Brasil : Tendências e Perspectivas*, p.109-129, Eduerj e Editora UNB, Rio e Brasília, 1999.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio; os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PICOLI, Daniele Saifert; Hoffmann, Estela Maria; Raddatz, Vera Lucia Spacil. O Documentário Radiofônico como resgate histórico do jornalismo regional durante o Regime Militar. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB**, 2006, Brasília.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SCHVARZMAN, Sheila. O Rádio e o Cinema no Brasil nos anos 1930. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília.